

“O Mulato”: uma reflexão sobre questões identitárias, no entrecruzamento entre história cultural e literatura¹

Francisco Pinto Olímpio*

Resumo: Tendo como pressuposto a vocação interdisciplinar da História Cultural, o romance “O Mulato”, de Aluísio Azevedo, é tomado como base empírica principal deste artigo voltado para questões identitárias e raciais, que afloram no cotidiano brasileiro do século XIX. Na esteira do entrecruzamento de temporalidades, objetivou-se, na lida com fragmentos discursivos selecionados da obra romanesca, destacar sentidos possíveis, para uma encenação cujo representacional, em contraponto com o Brasil de hoje, desvela mudanças, mas também permanências. Reside aí, aliás, o argumento norteador do estudo.

Palavras-chave: representações, literatura, identidade.

Abstract: Presuming in advance the interdisciplinary vocation of Cultural History, the romance “O Mulato”, (The Mulatto) by Aluísio Azevedo, is considered as a principal empiric basis for this article, directed towards identity and racial issues, which were abundant in Brazilian everyday life in the XIX century. In the wake of a crossover of temporalities and working with discursive fragments selected from the Romanesque work of art, the object was to highlight possible significations for a staging where the representation in counterpoint with a Brazil of today, unveils not only changes, but also permanencies. Besides, the study argument guidelines reside in this.

Key words: representations, literature, identity.

Para recuperar a sua própria identidade e resgatar a dívida que tem para com seus cidadãos de origem africana, urge à nação brasileira mergulhar nas dimensões mais profundas desta herança civilizatória africana.
(Abdias Nascimento)

Anotações preliminares

No presente artigo, assim como ocorreu com a monografia que o inspira, tenho como objetivo principal refletir sobre questões identitárias que afloram no cenário brasileiro, tendo como suporte empírico o romance “O Mulato”, de Aluísio Azevedo, obra que me propus a re-

* Professor do quadro efetivo da Secretaria de Educação do Distrito Federal-SEE/DF, Licenciado em Letras (UniCEUB) e Especialista em História Cultural (PPGHIS/UnB).

ler, desta feita, ao abrigo de referenciais disponibilizados pela História Cultural, que, como se verá, instrumentam as análises realizadas.

Não é minha intenção, entretanto, apresentar uma espécie de resumo da monografia referida. Optei por selecionar, com as devidas compatibilizações, algumas das partes de que se compõe o estudo, privilegiando os aspectos nos quais, a obra romanesca dos oitocentos, mais fortemente indicia representações do negro, vigentes na cena brasileira atual, em não poucos aspectos.

As motivações desta escolha inscrevem um conjunto de fatores que compreende, desde a minha própria condição de homem negro, até a minha formação em Letras, fatores que dentre outros, inclui o providencial encontro com a História Cultural, um campo historiográfico aberto à interdisciplinaridade.

Por outra parte, entendo que a leitura ou releitura da obra de Azevedo, aliás, não apenas esta oferece ao leitor questões que, atravessando temporalidades, ressoam no tempo presente, sobretudo no que se refere às pungentes questões raciais².

Em nenhum momento houve a preocupação de acompanhar o romance “página-a-página”, já que não pretendi rephraseá-lo com vistas à análise/interpretação dos tantos subtemas ali contidos. Na verdade, ao selecionar “fragmentos discursivos”, busquei elementos para uma reflexão sobre as representações do negro ali contidas, de modo a perceber condições históricas ensejadoras dos discursos veiculados naquele momento, na cidade de São Luís, plano de observação, ou seja, cenografia do romance. Sempre, vale sublinhar, preocupado em desvelar ressonâncias no tempo presente.

Nesta escolha, proponho-me a encaminhamentos sutis, de modo que o leitor, acompanhando a construção do texto, partilhe de uma reflexão conjunta, pois, da denuncia, a pena de Aluísio Azevedo se incumbe magistralmente. Neste entendimento, a pesquisa tem como plano de observação o cenário do Século XIX, pontuado aqui e acolá, por incursões no tempo presente, objetivando contrastações.

Segundo Chartier: “A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.³ E é na esteira desta noção que meu objeto se constrói desdobrando para outras que a ela se articulam, como por exemplo, questões identitárias, eixo fundamental deste estudo.

Antes, porém, mesmo não sendo o caso de rephrasear Azevedo, entendo que deva ser necessário situar o enredo da obra romanesca enfocada, pelo menos em seus contornos mais gerais. A isto me proponho, no item abaixo.

Entre tramas e querelas: breve painel do romance

A intriga do romance nasce com o regresso a São Luís do Maranhão de Raimundo, filho bastardo de um traficante de escravos, o português José da Silva e de Domingas, sua escrava negra.

Raimundo, este mulato que ignora sua própria condição de mulato, volta da Europa após brilhantes estudos nas melhores universidades. Seu pai, antes de morrer, confiara seu destino a Manuel da Silva, tio de Raimundo, conhecido sob o pseudônimo de Manuel Pescada. Raimundo reencontrou seu tio após uma separação de 20 anos. Pescada, rico comerciante, é viúvo e vive com sua filha Ana Rosa e sua sogra, Maria Bárbara. Seu único amigo é o cônego Diogo, testemunha da história de toda a família.

Raimundo vai tentar penetrar no mistério que cerca seu nascimento, mas, sobretudo, regressa a São Luís para liquidar tudo que possui no Maranhão a fim de montar uma firma no Rio de Janeiro. Encontra-se confrontado, inconscientemente, pois ignora sua condição de mulato, a uma sociedade cuja sobrevivência está apoiada na manutenção do *status quo* social, no conservadorismo moral e religioso.

Diogo, no passado, fora amante da cruel Dona Quitéria, mulher de José da Silva, pai de Raimundo. O marido enganado, quando percebeu seu infortúnio, estrangulou a mulher adúltera, mas não teve coragem para matar o padre. Diogo tivera menos escrúpulos e o autor deixa pairar a dúvida sobre sua responsabilidade direta no assassinato de José da Silva. Durante todo o romance, Diogo tudo fará para prejudicar Raimundo.

De acordo com a tradição estabelecida nas firmas comerciais, Ana Rosa estava noiva do primeiro empregado de seu pai, o repugnante Luís Dias. Porém a jovem, seduzida pelo charme que Raimundo exerce involuntariamente sobre muitas mulheres, quase contra sua vontade, faz com que se declare a ela. Para que o casamento possa realizar-se, é preciso vencer todos os preconceitos ligados ao racismo. Maria Bárbara e Diogo tudo fazem para que Manuel se recuse a dar a mão de sua filha em casamento a Raimundo. A recusa e a revelação

de sua situação de mulato chocam Raimundo profundamente. Sua vida fica completamente transtornada. Senão vejamos⁴:

[OM, P.194] – recusei-lhe a mão de minha filha, porque o senhor é... é filho de uma escrava...

- Eu?!

- O senhor é um homem de cor... - Infelizmente esta é a verdade.

O fragmento discursivo acima enseja ao autor encaminhamentos sobre uma condição negra que somente agora se revelava, questão identitária que a partir dali inquietará Raimundo. [OM, p. 195] – “uma só palavra boiava a superfície dos seus pensamentos: *Mulato.*”

No início, Raimundo renuncia a uma luta desigual e planeja deixar a cidade de São Luís e ir sozinho para o Rio de Janeiro, onde poderá ocupar, numa sociedade que ignore sua origem, o lugar que lhe cabe, levando em conta sua cultura e seu grau de instrução. Sobre isto, Raimundo reflete:

[OM, p. 199] - Ora sebo! Que diabo tenho eu com isto? O que vim fazer a esta província estúpida foi tratar dos meus negócios pecuniários! Liquidados, nada mais tenho que fazer aqui! Musco-me! Ponho-me ao fresco! Passem muito bem!

Porém, sua prima obriga-o, jogando-se em seus braços, numa cena que quase chega à histeria, a enfrentar a sociedade maranhense. A conjuração organizada pelo cônego Diogo e pelo empregado Luís Dias impede a realização do rapto, solução extrema vislumbrada pelos amantes. Raimundo e Ana Rosa têm a lei a seu favor, mas os conjurados não lhes deixam esta chance. O cônego arma Luís Dias que abate friamente Raimundo, pelas costas, em plena noite. O meio social ditou sua lei. Ana Rosa sofre um aborto e tudo volta à ordem. Ela acaba tomando consciência de seus “erros” e aceita casar-se com Luís Dias. O ambicioso empregado, sem nenhum escrúpulo, dará segmento à tradição patriarcal e burguesa de São Luís do Maranhão.

Neste breve delineamento, é possível perceber que a obra se constrói funcionando também como suporte da denúncia do preconceito racial e não apenas em relação a Raimundo. Um cotidiano repleto de “pequenos nada”, onde se tem na animação das ruas, nos rumores, “os mínimos atos da vida banal” que constituem uma ambiência⁵.

Cenografia e lugar de fala: a cidade como espaço de experiência

A cenografia⁶ é a da cidade de São Luís do Século XIX, ou seja, a então província de São Luís do Maranhão, hoje capital do Maranhão, onde nasceu Aluísio Azevedo, no ano de 1857. Não haveria espaço neste ensaio para enveredar pelos fascinantes caminhos da história do Maranhão e da não menos fascinante trajetória de Aluísio Azevedo⁷, romancista e jornalista que transitou entre São Luís e o Rio de Janeiro.

Limito-me a lembrar algumas articulações entre o *lugar de fala*⁸ do romancista e as representações por ele construídas, cenarizadas na São Luís, palco da sua infância e juventude e onde trabalhou como caixeiro e guarda-livros. Também as, pelo menos para a época, intrincadas nuances da família, merecem aqui sinalizações.

Segundo o biógrafo já citado, o romancista era filho do vice-cônsul português David Gonçalves de Azevedo e de D. Emília Amália Pinto de Magalhães e irmão mais moço do comediógrafo Artur Azevedo. Sua mãe casou-se aos 17 anos incompletos, com um ríspido comerciante português. O temperamento brutal do marido determinou o fim do casamento. Emília refugiou-se em casa de amigos, até conhecer o vice-cônsul de Portugal, o jovem viúvo David. Os dois passaram a viver junto, sem contrair segundas núpcias, o que, na ocasião, foi considerado um escândalo na sociedade maranhense.

Quanto à cenografia do Maranhão, em igualmente breve incursão histórica⁹, destaco alguns aspectos.

Foram os espanhóis os primeiros europeus a chegar, em 1500, à região onde hoje se encontra o estado do Maranhão. Em 1535, no entanto, verificou-se por parte dos portugueses uma primeira tentativa fracassada de território. Foram os franceses que realizaram a ocupação efetiva iniciada em 1612, quando quinhentos deles chegaram em navios e fundaram a França Equinocial. Seguiram-se lutas e tréguas entre portugueses e franceses até 1615, quando os primeiros retomaram definitivamente a colônia.

Em 1621, foram instituídos os estados do Maranhão e Grão-Pará, com os objetivos de melhorar as defesas da costa e os contactos com a metrópole. Em 1641, os holandeses invadiram a região e ocuparam a ilha de São Luís, nomeando o povoado em homenagem ao rei Luiz XIII. Três anos depois foram expulsos pelos portugueses.

A separação do Maranhão e Pará ocorreu em 1774, após a consolidação do domínio do português na região. A forte influência portuguesa no Maranhão fez com que o Estado só aceitasse em 1823, após intervenção armada, a independência do Brasil de Portugal.

Ao longo do Século XVII e parte do XIX, a base da economia do estado encontrava-se na produção agrícola, sendo que ao arroz e ao algodão, somou-se ao açúcar nos oitocentos,

tendo como suporte o braço escravo. Com a abolição da escravatura, advém o período de decadência econômica que logra recuperar-se nos primórdios do Século XX, início do processo de industrialização, a partir da produção têxtil.

Com as anotações acima, a intenção foi a de situar a ambiência, o lugar de fala do autor, entendendo que a cenografia fornece suportes que mediam o cenário literário, pois, novamente buscando a interlocução com Maingueneau, cabe enfatizar:

A cenografia não é (...) o contexto contingente de uma mensagem que se poderia transmitir de diversas maneiras, ela confunde-se com a obra que sustenta e que a sustenta. Recusando qualquer redução da cenografia a um 'procedimento', nela veremos antes um dispositivo que permite articular a obra sobre aquilo de que ela surge: a vida do escritor, a sociedade.¹⁰

Escritor e sociedade aqui se imbricam, compõem uma retórica da caminhada. Realizam práticas atualizadoras e gestos que, por sua vez, metaforizam o cenário urbano, dando-lhe condições de habitabilidade, e fazem da cidade de São Luís do Maranhão *lugar praticado*¹¹. Nele, o ato de *caminhar* – entendido como espaço de *enunciação* – e a cidade – entendida como *teatros* de legitimidade a ações efetivas - se coadunam, na análise do cotidiano em sua dimensão fantástica, tal como se apreende da obra de Maffesoli. Segundo ele, é nessa dimensão fantástica que se configura a organização de um espaço vital que cria a sociedade, tornando o cotidiano aceitável pelo jogo da duplicidade e do desdobramento de forças sociais, pois a sobrevivência social e individual existe a esse preço, só se pode progredir mascarando.¹²

[OM, pp. 19-20] A Praça da Alegria apresentava um ar fúnebre. De um casebre miserável, de porta e janela, ouviam-se gemer os armadores enferrujados de uma rede e uma voz tísica e aflautada de mulher, cantar em falsete a "gentil Carolina era bela", doutro lado da praça, uma preta velha, vergada por imenso tabuleiro de madeira, sujo, seboso, cheio de sangue e coberto por uma nuvem de moscas, apregoava em tom muito arrastado e melancólico: "Fígado, rins e coração!" Era uma vendedeira de fatos de boi. As crianças nuas, com as perninhas tortas pelo costume de cavalgar as ilhargas maternas, as cabeças avermelhadas pelo sol, a pele crestada, os ventrezinhos amarelentos e crescidos, corriam e guinchavam, empinando papagaios de papel. Um ou outro branco, levado pela necessidade de sair, atravessava a rua, suado vermelho afogueado, à sombra de um enorme chapéu-de-sol. Os cães, estendidos pelas calcadas, tinham uivos que pareciam gemidos humanos, movimentos irascíveis, mordiam o ar querendo morder os mosquitos. Ao longe, para as bandas de São Pantaleão, ouvia-se apregoar: "Arroz de Veneza! Mangas! Macajubas!" Às esquinas, nas quitandas vazias, fermentava um cheiro acre de sabão da terra e aguardente. O quitandeiro, assentado sobre o balcão, cochilava a sua preguiça morrinhenta, acariciando o seu imenso e

espalmado pé descalço. Da Praia de Santo Antônio enchiam toda a cidade os sons invariáveis e monótonos de uma buzina, anunciando que os pescadores chegavam do mar; para lá convergiam, apressadas e cheias de interesse, as peixeiras, quase todas negras, muito gordas, o tabuleiro na cabeça, rebolando os grossos quadris trêmulos e as tetas opulentas.

Aluísio encontrou na história da cidade e na observação do meio em que vivia, o essencial da matéria de “O Mulato”. O autor viveu pessoalmente certas situações que aparecem na obra. O fragmento reflete bem a descrição pormenorizada da ambiência e dos tipos humanos, que são frutos da preocupação de Azevedo, em retratar fielmente um cotidiano pinçado por breves cenários praticados, igualmente, na realidade vivida por ele. Observe-se no mesmo trecho transcrito um painel da paisagem urbana onde se destacam o emprego do tempo, ou seja, o trabalho e o lazer, o mundo das mulheres e o dos homens, o ludismo das crianças, os tipos físicos, enfim, sons, sabores e odores de uma cidade.

O autor alude também ao cenário natural da província da São Luís do Maranhão. É interessante observar no fragmento abaixo as representações de José da Silva (personagem português e pai do mulato Raimundo). No que de perto interessa a esta investigação, cabe assinalar o encantamento do “outro” com o Brasil e a maneira pela qual constrói a imagem de um lugar que, a um só tempo, fascina e amedronta.

[OM, pp. 58- 60] A noite exalava da floresta. Sentiam – se ainda as derradeiras claridades do dia e já também um crescente acumular de sombras. A luz erguia-se, brilhando com a altivez de um novo monarca que inspeciona os seus domínios, e o céu ainda estava todo ensangüentado da púrpura do último sol, que fugia no horizonte, trêmulo, como um rei expulso e envergonhado...

...Pungia-lhe agora deixar tudo isso; abandonar o encanto selvagem das florestas brasileiras... familiar as vozes misteriosas daqueles caités sempre verdejantes, habituado à companhia austera daquelas árvores seculares, às sextas preguiçosas da fazenda, ao viver amplo da roça, descalço, o peito nu, a rede embalada pela viração cheirosa das matas...

Afora a beleza do estilo, o fragmento selecionado bem revela a beleza da cidade de São Luís de outrora. Muitos outros lugares – praticados aparecem na obra romanesca aqui tratada. Não haveria, porém, espaço para transcrevê-las e comentá-las neste artigo.

Passo, portanto, no vaivém de temporalidades, a São Luís do tempo presente, igualmente em breve sobrevôo. A intenção é a de mostrar alguns aspectos que entrecruzam memórias, pois na história das cidades:

As tensões urbanas surgem como representações do espaço – suportes de memórias contrastadas, múltiplas, convergentes ou não, mas que delineiam

cenário em constante movimento, em que esquecimentos e lacunas constroem redes simbólicas diferenciadas. Discursos diversos fazem da cidade lugar para se viver, trabalhar, rezar, observar, divertir-se, misturando-se os laços comunitários e étnicos, criando espaço de sociabilidade e reciprocidade, no trabalho e no lazer, em meio às tensões historicamente verificáveis.¹³

É com este olhar que a historiadora Maria Izilda Mattos, dialogando com Ecléa Bosi¹⁴, percebe o espaço urbano como lugar de experiências e tensões, lugar de identificação do outro (o pobre, o imigrante, a mulher, o negro), lugar de edificações, monumentos e existência material, lugar de convergência entre o tangível e o intangível.

Bem se vê que, o lugar e atores que o animam são vetores que se imbricam. Aliás, como bem observa o biógrafo:¹⁵

*Apesar do título, o romance não se refere somente a um homem, e sim a toda a sociedade do Maranhão, que desempenha nele um papel. Os dois primeiros capítulos do romance são consagrados à apresentação do meio social que servira de cenário à ação. Aluísio Azevedo examina as **principais características da cidade, verdadeiro personagem coletivo.***

Cantada em verso e prosa, a São Luís do tempo presente parece encontrar no exuberante acervo cultural a sua pedra de toque. À beleza do lugar, somam-se as danças, a música, a gastronomia, o folclore, compondo um cenário com forte apelo turístico para onde afluem os visitantes que se encantam com os casarões cobertos de azulejos, legado da influência portuguesa na arquitetura local. Na verdade, não apenas os que visitam, mas os do lugar celebram “a ilha”. Neste aspecto, a sensibilidade do artista popular, na abertura ensejada pela História Cultural, é também uma fonte que subsidia este estudo.

Pedra de resposta
é pedra é pedra é pedra
é pedra de resposta
mamãe eu volta pra ilha
nem que seja montado na onça
quando fui na ilha maravilha
fui tratado como um paxá
me deram arroz de cuxá
água gela da bilha
cozido de jurará
alavantu na quadrilha
me levaram no boi-bum-bá
pra dançar
eu dancei
me deram catuaba pra provar
aprovei
me deram um cigarrim pra fumar
menino como eu gostei...

(Zeca Baleiro e Chico César)¹⁶

Na verdade, são muitos os fios deste enredo inscrito pensando nesta cenografia, entrecruzando temporalidades, nos atores sociais que historicamente a animaram e a animam. Muitos deles, por certo, trazem as marcas de um Brasil escravocrata que ressoam no presente, sob a forma de preconceito racial. Neste sentido, são personagens que, ignorando temporalidades e, anonimamente, revivem trajetórias análogas às dos atores sociais cunhados pelo talento de Aluísio Azevedo. Se é bem verdade que não se trata de um decalque, força reconhecer que, em meio às mudanças, persistem insidiosas permanências. Metaforizando, o romancista desvelou fios que orientavam a vida da cidade. Como se orientam hoje os fios brancos-e-pretos entre as arestas? Conforme insiste Edgar Morin,

... tudo se passa pela representação: é a placa giratória entre passado e presente, entre vigília e sonho. Assim, embora a percepção do real se oponha às visões imaginárias, a representação é ato constitutivo idêntico e radical do real e do imaginário.¹⁷

Na convicção de que o objetivo e o subjetivo se interceptam, devo lembrar agora da minha condição de filho de maranhenses. Este estudo estava nas configurações preliminares, quando tomei a iniciativa de ir conhecer São Luís do Maranhão. Ali não chegava apenas o turista encantado com o que via. Estava também o inquieto pesquisador, cujas representações, como “placa giratória”, se desenhavam entre o presente e o passado, os relatos de experiências e o discurso do narrador Aluísio Azevedo. Naquele momento, percebia-me como um historiador e entrecruzava temporalidades.

Diálogos possíveis com a obra romanesca

Perambulei pelas ruas de São Luís de hoje, fixando-me na paisagem humana. Grandes contingentes de negros e negras cujo status social me parecia denunciado pela aparência. Enfim, mesmo rejeitando esquematismos, o que para mim se descortinava era um convívio, eu diria alegre, marcado, porém, por uma ambiência animada por muitos negros, mulatos, vários “eufemisticamente morenos” e – o outro – ou seja, os brancos. Enfim, de algum modo, no ar pairava a atmosfera da obra romanesca e me convidava a refletir. Quase naturalmente retomei o diálogo com Azevedo e, como sempre, ingressei em outras tantas digressões.

Foi nesta ambiência escravista que o romancista viveu a sua etapa da vida mais conflituosa, a adolescência. Ele testemunhou cenas análogas às reproduzidas na obra em que

Raimundo figura o mulato, cuja representação tem sido associada, ao longo dos séculos, a todo tipo de baixaza, seja ela moral, seja física, seja ainda intelectual, e a toda sorte de insuficiência e fraquezas, donde decorreria a necessidade de sua condução e tutela pelo branco. Afinal, desde que aqui chegaram, *evangelizar*, *salvar*, *civilizar* foram verbos empunhados como armas contra os negros.

Nada disto escapou à aguda observação de Azevedo.¹⁸ Os estereótipos funcionaram sempre como mecanismo de diferenciação e contenção social, e proliferaram a ponto de subsistirem incólumes à abolição e sedimentarem-se no imaginário de sucessivas gerações. Os motivos do acúmulo dos preconceitos, discriminações, estereótipos e da própria escravidão são múltiplos e variados, revestindo-se de uma complexidade que tem desafiado as análises ao longo dos tempos. Vinculam-se, no entanto, a dois blocos basilares que se intercambiam: a diferença fenotípica verificável entre os homens; e a hipotética superioridade de alguns sobre outros tantos. O negro possui um “defeito” que serviu, quase sempre, como justificativa para sua escravatura, a cor:¹⁹

[OM, pp.216-217]... lembrar-se de que ainda nasciam cativos, porque muitos fazendeiros, apalavrados com o vigário da freguesia, batizavam ingênuos como nascidos antes da Lei do Ventre Livre! ... Lembrar-se que a conseqüência de tanta perversidade seria uma geração de infelizes, que teriam de passar por aquele inferno, e que ele agora se debatia vencido! E ainda o governo tinha escrúpulo de acabar por uma vez com a escravatura; ainda dizia descaradamente que o negro era uma propriedade ...

Seria desnecessário recorrer a um dicionário de símbolos para constatar que a cor negra, no imaginário da civilização ocidental, simboliza a maldade, a feiúra e a morte; ao passo que a cor branca significa bondade, beleza, viço, pureza e outros atributos positivos. O ex-senador da República, escritor e militante negro Abdias do Nascimento, em ensaio de 1978²⁰, demonstrou como os conceitos negativos sobre a cor negra e o indivíduo negro se encastelaram nos dicionários. Em inglês ele encontra termos como *tenebrous*, *sinister*, *obscure*, *ominous*, *horrible*, *hostile*, entre outros. Em português, mancha, luto, escuro, sombrio, mortal, maligno, perverso...

[OM, P. 51] ...dona Quitéria Inocência de Freitas Santiago, viúva, brasileira, rica, de muita religião católica e escrúpulos de sangue racista, e para quem um escravo não era um homem, e o fato de não ser branco constituía só por si um crime.

E a tradição bíblica só fez reforçar as representações negativas sobre o negro, sob a égide da grande matriz de enunciação judaico-cristã. Uma certa teologia incumbiu-se de imputar ao negro os mais negativos impulsos do homem, representação que acabou funcionando também como equipamento retórico do discurso salvacionista.

A escravidão se justificaria, dessa forma, como punição e remédio a esse pecado fatídico; e o escravo, por sua vez, seria ao mesmo tempo pecador e penitente²¹. Azevedo retratou este quadro nos moldes dos oitocentos, cenário no qual teve o pai como ator principal, quando chefe do movimento contra os mocambos, conhecido como “Balaiada”²². Azevedo retratou o preconceito, tão comum em seu meio, com o diálogo que se segue entre o Cônego Diogo e Manuel Pescada, pai de Ana Rosa, que revela o quanto o padre era preconceituoso.

[OM, p. 37] O cônego despertou.

— Padre?!

— Ora, deixe-se disso!(...) Nós já temos por ai muito padre de cor!

*— Ora o quê, homem de Deus! É só - ser padre! E no fim de contas estão se vendo, as duas por três superiores **mais negros que as nossas cozinheiras!** Então isto tem jeito?...- o governo devia até tomar uma medida séria a este respeito! devia proibir aos cabras certos misteres!*

*— **Que conheçam seu lugar!** (...) parece já de pirraça, é nascer um moleque nas condições deste...*

(...) pode contar-se logo com um homem inteligente! Deviam ser burros! burros! que só prestassem mesmo para nos servir! Malditos!

*(...) você queria ver sua filha confessada, casada. Por um **negro**? Você queria seu Manuel que a Dona Anica beijasse a mão de um filho da Domingas? Se você viesse a ter netos queria que eles **apanhassem palmatoadas de um professor mais negro que esta batina?***

É bastante conhecido, infelizmente, ainda hoje, o enunciado; “*O Brasil não tem preconceito, desde que o negro conheça o seu lugar*”. Bem por isso, Gonzáles e Hasenbalg traçam um panorama sobre este problema social pungente em livro intitulado Lugar de Negro. É nesta obra que os efeitos das práticas discriminatórias em relação ao negro são balizados no Brasil contemporâneo. Segundo Hasenbalg:²³

...as práticas discriminatórias, a tendência a evitar situações discriminatórias e a violência simbólica exercida sobre o negro reforçam-se mutuamente de maneira a regular as aspirações do negro de acordo com o que o grupo racial dominante impõe e define como lugares apropriados para as pessoas de cor.

Ora, se nos oitocentos, o diálogo acima transcrito delineia representações quanto ao lugar do negro, mesmo sem desconhecer naquele outrora e no tempo presente, a existência de

exceções, penso em permanências que insistem ainda em pautar os *lugares apropriados* para brasileiros, cuja pele denuncia uma ancestralidade marcada e discriminada pela cor.

Seleciono, a seguir, fragmentos discursivos nos quais as polarizações branco e negro se evidenciam. Maria Bárbara era o protótipo das velhas maranhenses criadas na fazenda. Viúva, descendente de português, era uma mulher má. Maltratava os escravos diariamente por prazer; só falava gritando e, quando se punha a ralar, - Deus nos acuda! - incomodava toda a vizinhança! Insuportável! Orgulhosa por sua descendência, cheia de escrúpulos – principalmente quando se refere ao sangue.[OM, p. 23] Quando falava nos pretos dizia “**Os sujos**” e quando se referia a um mulato dizia “**O cabra**”.

A mesma personagem, segundo o narrador/autor da trama, exercendo uma enviesada prática católica obrigava “**sujos e sujas**” de sua propriedade às rezas cotidianas, às vezes, alguns até algemados, na capela de Santa Bárbara por ela erigida na fazenda.

Era a mesma conduta de outra personagem:

[OM, p. 51] *Quitéria Inocência de Freitas Santiago, viúva fazendeira, em cuja capela de sua propriedade, “sujos e sujas” eram compelidos a rezar, sob o chicote, aos pés da Virgem Santíssima, mãe dos aflitos.*

Pensar em tais configurações do exercício do poder e nos códigos que o regem, tão bem estudos por Foucault. Refiro-me, por exemplo, às táticas de dominação e seus focos ideais e particulares. Quem sabe um guarda, talvez um diretor de prisão e, por que não, mulheres mal resolvidas dos oitocentos, cujas práticas em relação aos **sujos e sujas** faziam daquelas, *agentes do poder* e destes, *pacientes*.²⁴

Na verdade, nesta gramática do poder, táticas se engendravam *entre os pacientes* e consistiam expedientes comuns adotados pelos **sujos e sujas**. Afinal, entre ordens e disciplinarizações, que agentes do poder poderiam supor, por exemplo, a religiosidade imposta “homenageava” no altar de Santa Bárbara, também palco dos pacientes, um expressivo vislumbre em relação ao orixá Iansã.²⁵

Quanto aos *cabras*, e, *os sujos e as sujas*, as muitas nomeações e ápodos para o homem ou a mulher negra vão, desde o “charme discreto dos preconceitos” para ficarmos com Maia²⁶, até as mais insultantes expressões. Todas, invariavelmente, são conotativas desde o bem intencionado “neguinha(o)” ou, no limite, “nego safado”. Aliás, esta questão da identidade étnica do brasileiro é, pelo menos segundo Moura:²⁷ “penosamente escamoteadas pela grande maioria dos brasileiros ao se auto analisarem, procurando sempre elementos de identificação com os símbolos étnicos da camada branca dominante”.

Não caberia aqui transcrever o total de cento e trinta e seis cores que aparecerem no recenseamento de 1980 feito pelo IBGE, onde contém as respostas de não-brancos, ao serem inquiridos sobre sua cor. Destaco, sublinhadamente, alguns exemplos desconcertantes:²⁸

... branca morena, morena fechada, galegada, melada, roxa, sapecada, sarará, branca avermelhada, pucha para branca, alvarenta, cor de cuiá, encerada, enxofrada, lilás, morena cor canela, morena meio chegada, meio morena, meio preta, quase negra, retinha, paraíba, sarauba crioula, cor firme, morena preta, parda clara, queimada de praia, turva, bugrezinha, cardão, branca pálida, burro-quando-foge, negrota ... além de outros que não declararam a cor.

Percebo, no vaivém entre o “outrora” e o “agora”, que as pesquisas realizadas no Brasil Contemporâneo dialogam com o cenário tão bem retratado por Aluísio Azevedo. São duas fontes de pesquisa e dois momentos históricos. Na primeira, a tabela, a listagem, o quantitativo. Na segunda, sendo outro suporte discursivo, mas igualmente uma fonte, estão as pistas, os indícios que cabe ao historiador da História Cultural “farejar”, recolher e contrastar na busca de sentidos. Senão vejamos:

[OM, p. 210] - É bem-feito! É bem-feito – vociferava um mulato pálido, de carapinha rente, bem-vestido e com um grande brilhante no dedo. – É muito bem-feito, para não consentirem que esses negros se metam conosco!

Neste fragmento, encontro na expressão “mulato pálido” uma identificação que se inscreve no rol acima transcrito da obra de Clovis Moura. Permito-me entender assim, e por certo, uma pesquisa, voltada apenas para este aspecto corroboraria este entendimento, que não apenas o “não-branco” escamoteia sua cor. Afinal, Aluísio Azevedo era branco e usou a expressão “mulato pálido”. Admito-me ademais pensar que este escamoteamento historicamente engendrado e com vigência no presente, verifica-se também como prática do branco. Neste caso, porém, o escamoteamento da identificação racial efetiva aponta para outro sentido, até porque, geralmente, “as identificações” adotadas no discurso do branco se revestem de conotações pejorativas. Bem se vê que Aluísio Azevedo, ao adotar a expressão “mulato pálido”, possivelmente quis retratar em tais adoções o cenário da São Luís em que vivia.

Aliás, mais que retratar, o romance assume, em vários momentos, um tom de denúncia. Denúncia contra o preconceito que encontra nos estereótipos seu mais fundamental equipamento retórico. Nos fragmentos abaixo, a representações da mulher negra com sua lascívia e sexualidade desenfreada aparecem reforçando estereótipos.

[OM, pp. 75-76] Conheço que são precisos! Conheço! Mas é uma imoralidade. As negras, principalmente as negras. São umas muruchabas que um pai de família tem em casa para dormir debaixo das redes das filhas e para contar-lhes histórias de namoros porcos.

Ainda outro dia (...) apareceu em certa casa uma menina coberta de piolhos que pegara da negra. (...)

O pior é que elas contam às sinhazinhas tudo o que fazem pela rua! Ficam as pobres moças sujas de corpo e alma em companhia de semelhante gente. Afianço-lhe, doutor, que se tenho pretos em casa é por não haver outro remédio.

Estas representações elaboradas pelos proprietários de escravos e, ainda assim, suas dificuldades em abrir mão desta mão-de-obra, construiu uma tensão que acabou por adiar a abolição em São Luís, quando em outras províncias o processo de abolição caminhava acelerado. Os fazendeiros temiam a fuga dos escravos, que em muitos casos acabou se concretizando.

Lembro ainda, quanto aos estereótipos, aquele tão repetido na obra romanesca referente aos negros como “vadios por natureza”. Guarda também permanência no tempo presente, ainda que com matizes mais sutis, como exemplifica a analista do discurso,²⁹ lembrando os múltiplos sentidos da expressão “trabalha bem, **mas** é preto”, onde o “mas” se incumbe de sinalizar os efeitos de sentido.

Conotações análogas foram bem observadas, na mesma quadra histórica, na cidade do Rio de Janeiro por Chalhoub.³⁰ Para este historiador, a questão da liberdade passava por vieses diferentes; no caso dos proprietários e governantes e a visão dos próprios negros. Para estes:³¹

A liberdade por ter representado, em primeiro lugar, a esperança de autonomia de movimento e maior segurança na constituição das relações afetivas. Não a liberdade de ir e vir de acordo com a oferta de empregos e o valor dos salários, porém a possibilidade de escolher a que servir, ou não servir a ninguém (...) mas é claro que os proprietários e os governantes tinham projetos diferentes de futuro, e entenderam as atitudes dos negros como a evidencia de que eles eram vadios por natureza, sendo que essa ânsia de autonomia não passava de rejeição ao trabalho. O problema real, no entanto, é que havia modos radicalmente distintos de conceber a liberdade.

Lanço finalmente um olhar sobre o núcleo em que se inscreve o romance de Ana Rosa e Raimundo. Chamam a atenção, em vários trechos da obra romanesca, as características marcantes da sedução que Raimundo exerce sobre a prima:

[OM, p. 115] ...com um desembaraço que abismou o primo e de que ela própria não se julgaria capaz, abraçou-o amplamente, com expansão, pousando-lhe a cabeça no ombro e estendendo-lhe os lábios numa ansiedade suplicante. O rapaz no teve remédio: deu-lhe na boca um beijo tímido. Ela respondeu logo com dois, ardentes.

Muniz Sodré nos fala, a partir de um diálogo com Jeudy, sobre o corpo e seu papel no afrodescendente. Recorrendo também a Georges Bataille, reflete sobre uma espécie de soberania sem causa e sem supremacia, ou seja, sem uma finalidade efetiva. Ela apenas se manifesta e “não se impõe porque seja subordinante, e sim fascinante”³².

Indícios desta fascinação pontilham o romance, e tomo o fragmento abaixo como mais um exemplo.

[OM, p. 201] Ana Rosa, de cabeça baixa, ouvia, aparentemente resignada, as palavras do pai. Confiava em extremo no seu amor e nos juramentos de Raimundo, para rezear qualquer obstáculo. Só agora soubera ao certo a procedência de seu primo bastardo, e no entanto, ou fosse porque lhe germinavam ainda no coração os supremos conselhos maternos, ou fosse que o seu amor era dos que a tudo resistem, o caso é que essa história que a tantos arrancara exclamações de desprezo; isso que forneceu assunto a gordas palestras nas portas dos boticários; isso que foi comentado em toda a província, entre riso de escárnio e cuspalhadas de nojo, desde a sala mais pretensiosa até a quitanda mais pífia; isso que fechou muitas portas a Raimundo e cercou-o de inimigos; isso, essa grande história escandalosa e repugnante para os maranhenses, não alterou, absolutamente nada, o sentimento que Ana Rosa lhe votava. As palavras de Manuel não lhe produziam o menor abalo; ela continuava a estremecer e desejar o mulato com a mesma fé e com o mesmo ardor.

Cabem aqui as reflexões de Thereza Negrão sobre os *Caribes*³³, seu diálogo com Homi K. Bhabha e o referido Muniz Sodré, intelectuais preocupados com questões identitárias e as representações sobre o negro. Deste diálogo, a historiadora lembra o cenário da fantasia colonial e “o significado da cor escura, a um só tempo, nascimento e morte”, pois, refraseando Bhabha, o negro é, ambigualmente, no cenário da Colônia [e esta representação permanece nos oitocentos] um obediente e ao mesmo tempo, portador de uma sexualidade desenfreada e, ademais “inocente como uma criança”. É a mesma autora que prosseguindo o dialogando com Muniz Sodré nos remete, como fez este autor, ao discurso de Vieira que se referindo aos quilombolas não vacilou em afirmar que “o seu cabedal não é outro senão o próprio corpo.”

No romance, Ana Rosa curva-se à sedução de Raimundo, não obstante suas tantas inquietações. Ele, seu corpo, seu encontro com a sexualidade, são aspectos que se incumbem

de interpelá-la com os ambíguos sentimentos tão bem retratados pelo talento de Aluísio Azevedo. Afinal, Ana Rosa “amava-o, eis tudo”.

Entre perguntas e respostas

Sempre lembrado por estudiosos interessados no fenômeno urbano, Ítalo Calvino³⁴ refletiu sobre cidades imaginárias. É dele a metáfora:

*De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas.
- Ou as perguntas que nos colocamos para nos obrigar a nos responder, como Tebas na boca da Esfinge.*

Concluída a pesquisa, das respostas obtidas desdobram-se novas perguntas. Na verdade, levando-se em conta a temática privilegiada, observar São Luís do Maranhão, no viés da obra romanesca, significou, também, ampliar a percepção sobre uma pungente questão brasileira.

Ao término da pesquisa, reitero que, sem dúvida, “a literatura em geral não é um reflexo do real, mas, antes um gesto fundador de significados, uma prática produtora de sentidos³⁵”, bem por isso, ela dialoga com a História Cultural.

Entretanto, como cidadão brasileiro e negro, ambigualmente, ficou-me a sensação de que tudo o que li e estudei, com base no romance, não passasse de uma ficção. Ocorre que ali estão representações que imbricam o real, o simbólico e o imaginário, suportes de uma memória na qual, tristemente, dialogam ficção e realidade.

Não por acaso a historiadora Emília Viotti da Costa,³⁶ em conferência proferida em Washington, ainda no ano de 1975, refletiu sobre o por ela identificado como o “mito da democracia racial no Brasil”, representação que acaba desaguando como suporte do “preconceito de não ter preconceito”. Penso que, em meio a tensões, resistências, embates e mudanças, algumas destas ao abrigo de dispositivo constitucional, ou legislação específica; o que se tem na cenografia brasileira do Século XXI é um quadro que sublinha a pertinência e persistência do “mito da democracia racial”.

Ainda assim, os indícios da pesquisa e os tantos sentidos que ela corrobora e sugere não me levam a um pessimismo incontornável. Afinal, aprende-se com os estudiosos das questões identitárias e suas movências que, “La identidad [...] expresa no solo lo que se es – o lo que se imagina uno que es – sino también lo que quiera o se pretende llegar a ser”.³⁷

NOTAS

¹ Este artigo é resultado da versão parcial compatibilizada da monografia: *O Romance – O Mulato – na perspectiva da história cultural – Representações, Cenário Urbano e Configurações Identitárias (São Luís do Maranhão nos Oitocentos)* – apresentada e aprovada ao final do Curso de Especialização em História Cultural: identidades, tradições, fronteiras. PPGHIS/UnB. Orientação da Professora Doutora Maria Thereza Negrão de Mello, concluído em 2006.

² “A idéia de raça existe de modo pleno no mundo social. Vale dizer, portanto, que o conceito tem validade sociológica, pois fornece produtos de formas de classificação sociais com implicações substantivas para as oportunidades individuais no interior dos diferentes grupos sociais. Por decorrência, o racismo é entendido como uma forma bastante específica de *naturalizar* a vida social, isto é, de explicar diferenças pessoais, sociais e culturais a partir de diferenças tomadas como naturais”. Cf. COSTA, Sérgio. *A construção sociológica da raça no Brasil*, Rio de Janeiro: Record, 2000, pp. 35 a 61.

³ CHARTIER, Roger. *História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Lisboa/Difel: 1990, p. 83.

⁴ Ainda que sem pretensões de adoções totais, o presente estudo sintoniza-se com a Análise do Discurso (linha francesa), como programa de reflexão. Assim, os textos selecionados constituem *fragmentos discursivos* e doravante aparecem identificados com abreviatura do título do romance (OM), seguida da(s) página(s), conforme conduta adotada por analistas do discurso. Cf., AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras Incertas: - As Não-Coincidências do Dizer*. Campinas: UNICAMP, 1998.

⁵ MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984, p. 61.

⁶ A noção de cenografia aparta-se da idéia convencional de contexto. A intenção é a de entender o lugar e os atores que o animam como vetores que se imbricam. Cf.: MAINGUENEAU, Dominique. *O Contexto da Obra Literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

⁷ MÉRIAN, Jean-Yves. *Aluísio Azevedo Vida e Obra 1857-1930 – O verdadeiro Brasil do Século XIX*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

⁸: “O instrumento conceitual *lugar de fala* [é] um espaço socialmente construído de modo polêmico – através de respostas (de ordem material afetiva ou simbólica) que os participantes de uma determinada circunstância na sociedade tentam construir para enfrentar e elaborar o seu mundo”. Cf. BRAGA, Luiz José. “Comunicação e Sociabilidade: lugar de fala. *Geraes – Revista de Comunicação Social*. Belo Horizonte. UFMG. Nº 47. 1985, p.9.

⁹ texto elaborado com base nas informações obtidas em fonte eletrônica refraseadas e resumidas <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>.

¹⁰ MAINGUENEAU, Op. Cit. pp. 133 a 134.

¹¹ “o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres.” CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano I - Artes de fazer*. Petrópolis-Rio de Janeiro: 1998, p. 202

¹²MAFFESOLI, Michel. Op. cit., pp. 67 a 69.

¹³ MATTOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura: História Cidade e Trabalho*. São Paulo: Edusc, 2002, p.35.

¹⁴BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. 12ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 35.

¹⁵MÉRIAN, Jean-Yves. Op. Cit., p. 266. [grifos meus]

¹⁶ Zeca Baleiro e Chico César. “Pedra de Resposta”, in *Zeca Baleiro: por onde andaré Stephen fry?*. São Paulo: Polygran do Brasil. Faixa 9. 1997.

¹⁷MORIN, Edgar. *O Método III – O Conhecimento do Conhecimento/1*. Lisboa: Europa América: 1986, pp. 105 e 106.

¹⁸ BROOKSHAW, David. “*Raça e cor na literatura brasileira*”, p. 12. Apud. BASTIDE, Roger. Estereótipos de negros através da literatura brasileira. In: *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1983. Algumas anotações deste item resultam do resumo, compatibilizações e refraseamento dos autores citados nesta nota.

¹⁹ Antes de ingressar na inserção dos fragmentos discursivos (OM) recortados para este último item, devo esclarecer que, diferentemente da conduta até agora adotada, em todos eles, as referências ao negro aparecem com grifos meus com a intenção de sublinhar a presença do negro na obra romanesca e os cenários, diálogos e situações nos quais afloram questões identitárias em um cotidiano pleno de preconceitos.

²⁰ NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro americano*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 47.

²¹ Cf. VAINFAS, Ronaldo. *Ideologia e escravidão: os letrados e a sociedade escravista no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1983, p. 94.

²² O historiador Augustin Wernet, estudioso do período regencial refere-se à Balaiada como um movimento das massas. No diálogo com Capristano de Abreu, Wernet lembra que se tratou na verdade da revolta contra um

movimento bárbaro de recrutamento que se iniciara desde a guerra da Cisplatina ainda em 1825. O movimento, entretanto, desenvolve-se no período compreendido entre 1838 e 1840. Contando com a participação de negros aquilombados, índios e brancos miseráveis, e contando entre seus líderes com Manuel Francisco do Santos, o Balaio; a Balaiada logrou pôr em pânico as camadas dominantes maranhenses. Segundo Wernet, este susto contribuiu para o aceleração do processo político do “regresso conservador” já em plena formação. Cf. WERNET, Augustin. *O Período Regencial: 1831-1840*. São Paulo: Global, 1982, p. 73 a 74.

²³ GONZÁLES, Lélia e HASENBALG, Carlos. *Lugar de Negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982, p. 91.

²⁴ EPSTEIN, Isaac. “Gramática do Poder”. São Paulo: ed., Ática, p. 48. Cf. também, FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

²⁵ Iansã – Entidade feminina do culto nagô (religião afro-brasileira), deusa dos ventos e trovoadas. Esposa de Xangô, deus dos raios e dos trovões. No sincretismo, corresponde a Santa Bárbara.

²⁶ FREIRE, Nilton Maia. *Brasil: Laboratório Racial*. Rio de Janeiro: Vozes, 1973, p. 37.

²⁷ MOURA, Clovis. *Sociologia do Negro Brasileiro*. São Paulo: Ed. Ática, 1988, p. 62.

²⁸ Idem, p. 63.

²⁹ ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 113.

³⁰ CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Cia das Letras, 1990, p. 80.

³¹ Idem, ibidem, p. 85.

³² SODRÉ, Muniz. *Claros e Escuros: Identidade, povo e mídia no Brasil*. Rio de Janeiro/Petrópolis: Vozes, 1983, p.182.

³³ MELLO, Maria T. Negrão de. “Santa Maria Pinta e Nina: A redescoberta dos Caribes em espaços discursivos brasileiros”. In: Jaime de Almeida *et alii* (orgs.). *Cenários Caribenhos*, Brasília: paralelo 15, 2003, p. 19.

³⁴ CALVINO, Ítalo, *As cidades invisíveis*. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras. 1990. p.44.

³⁵ BENATTI, Antônio Paulo. “História, ciência, Escritura e Política” In: RAGO, Margareth e GIMENES, Renato A. de Oliveira.(orgs). *Narrar passado repensar história*. Campinas – São Paulo: Unicamp, 2000, p. 90.

³⁶ VIOTTI, Emília. *Da Monarquia à República*. Momentos decisivos. 5ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1987.

³⁷ SAN MIGUEL, Pedro I. Apud. MELLO, Maria T. Negrão de. Op. Cit. p. 1 “a identidade [...] expressa não só o que se é – ou o que alguém imagina que é – senão também o que queira ou se pretende chegar a ser”.